

VIAGEM DE AMOR A UM PAÍS CHAMADO BELÉM

Paulo Nunes
Mestre em Letras. Professor da Universidade da
Amazônia - Unama

"...Em Belém o calorão dilata os esqueletos e meu
corpo ficou exatamente do tamanho de minha alma..."
Mário de Andrade

À Luci Teixeira, haroldóloga assumida.

Haroldo Maranhão (HM) é, sem dúvida, um dos mais instigantes prosadores brasileiros contemporâneos. Evidentemente que seu trabalho literário tem ganho em densidade quanto mais o tempo avança, quanto mais multiplicam-se os estudos sobre a obra deste senhor que carrega nos costados o sobrenome da família Maranhão, demarcada a ferro e fogo pelo passado político ligado ao jornal *Folha do Norte*. A recepção da obra, sabemos, cresce, enriquece o teor da criação literária.

Minha aproximação com Maranhão se deu quando (re)escrevíamos o *Texto e Pretexto*². Pretendíamos (e conseguimos) - Josse, Josebel, Rey e eu — ampliar a primeira edição, fazer chegar alguns textos que considerávamos importantes para leitores fora da academia. Então HM foi um dos escolhidos por nós para integrar o livro didático. O autor, quando de suas passagens por Belém, nos recebeu na legendaria casa da travessa da Estrela, dos amigos Maria Sylvia e Benedito Nunes. Até hoje não sabemos se ele se emocionou com a possibilidade de ter sua obra circulando entre meninos de escolas de primeiro grau. Não sabemos, sequer, se ele chegou a ter acesso aos livros (a editora os enviou?) didáticos feitos por nós tão ingenuamente, desarmados de teorias (naqueles tempos engatinhávamos no bê-a-bá dos estudos acadêmicos).

Haroldo Maranhão é escritor coringa. Multiplica-se entre literatura infanto-juvenil, contos, memórias e romances, sem esquecermos sua veia de polemista (lembrem a polêmica com a Academia Paraense de Letras em torno da *Introdução à Literatura no Pará?*). Mas há nele uma faceta ainda pouco explorada: a de pesquisador. Não se pode, de modo algum, esquecer que foi ele quem desentranhou um inédito de Machado de Assis dos arquivos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro: *Terpsícore*³, editado pela Boitempo Editorial, de São Paulo, no ano de 1996. E é exatamente investido na condição de pesquisador que Haroldo Maranhão nos presenteou, em 2000, com *Pará, capital: Belém, memória & pessoas & coisas & coisas & coisas da cidade*. O livro, engavetado há mais de 20 anos, foi editado pela Prefeitura Municipal/Fundação Cultural de Belém, trouxe à luz o mais completo painel literário sobre a capital do Pará de que se tem notícia. Desde a capa, o livro objeto seduz-nos: um retrato⁴ da rua conselheiro João Alfredo, onde se vê uma casa de restauração, a tabacaria e livraria Alfacinha, a sapataria Franco e a alfaiataria Lisboa. Os bondes puxados a burro, os passantes e os exibicionistas que pousam para a fotografia. Abaixo, vê-se a manuscritura "do Raul", que envia o postal, assinando-o no dia 31 de agosto de 1907. A capa, por si somente, merece uma análise semiótica, configura um momento em que a bela época oriunda da borracha fazia de Belém a Paris n' América. O livro tem prefácio do crítico Benedito Nunes, introdução e notas explicativas do próprio autor.

Fôlego de gato. Assim se pode definir o trabalho de garimpagem de HM, que dividiu o referido trabalho em partes, organizadas tematicamente, o que demonstra seu tino didático, sua veia pesquisador: "pelas estradas de águas", "questões de identidade", "os habitantes", "a cidade nasce num presépio", "... e cresce a olhos vistos", "duas mártires", "o clima: rigores e amenidades", "urbanismo: o que se fez", "visões e revisões da paisagem", "comércio por grosso e a retalho", "pregões. Comércio típico", "a opulência. O esplendor. O fastígio", "A festa maior", "festas menores", "por que me ufano!", "foot-ball & outros sports", "A cabanagem!", "A cidade cantada em prosa e verso", "crendices, puçangas, terreiros", "pessoas gradas", "comeres e beberes", "amigos e inimigos do açai", "trivial variado", "a Belém da ficção", "boas e más lembranças".

Assim como podemos ter uma primeira impressão de Brasília, a capital federal, através do plano piloto concebido por Lúcio Costa, Belém, guardando as devidas proporções e linguagens, pode ser vista por Haroldo Maranhão neste Pará: capital: Belém... como uma imensa caravela, caravela aportada na Baía do Guajará. Benedito Nunes, que prefacia a edição da presente obra, explica-nos:

"A segunda razão da prioridade [de publicação desta obra] decorre da espécie da perspectiva altaneira de Belém que

esse mesmo texto de 1984 nos proporciona, repetindo, de certo modo, a visão do alto que o autor tinha da cidade quando morava no prédio da Folha do Norte, e podia divisar a baía do Guajará da sacada de sua janela. Com a diferença de que agora a sacada tem a altura do conhecimento histórico. Haroldo Maranhão procede como um historiador à busca de testemunhos ao recorrer a diferentes fontes escritas — geográficas, antropológicas, etnográficas, e históricas propriamente ditas —, que nos prestam informação sobre os vários aspectos da vida da cidade...

(Nunes, Benedito, in Maranhão, Haroldo: 2000: 8)

O romancista-pesquisador justifica-se (antes de ser atirado à cova dos leões pelos donos da verdade). E o faz mesmo a fim de indicar possíveis rotas seguidas para elucidar a construção deste (árido) trabalho:

“...Da distância do tempo e do espaço em que me encontro, quis na verdade fazer simples releitura da minha cidade, revisitando-a (...) Até hoje, ignoro de antologista que satisfizesse unânimes pareceres (...) Por que não entrou fulano? Beltrano, por que não entrou? Há escritores que admiro, em cujos trabalhos, pelo menos os que estiveram a meu alcance, nada encontrei que servisse ao que me propusera. Historiador não sou, temo o fungo dos papéis antigos (...) Um reparo não me poderão fazer: o antologista a si mesmo não se antologiou!” (Maranhão: 2000: 11)

Ao explicar sua metodologia, Haroldo Maranhão deixa emergir sua “escavação arqueológica” dos textos sobre a cidade. Que dele não esperem o rigor dos acadêmicos, as primorosas técnicas de recolha bibliográfica. Humilde e coerentemente (pois um antologista que se autopromove merece ser visto com reservas!), ele se diz um (re)leitor de sua cidade. Entretanto, após folhearem o livro, muitos escritores, talvez, considerem-se injustiçados, por não integrarem a antologia belemense de HM, mas e daí? Toda seleção, por mais séria que seja, tem seus critérios subjetivos, afinal, o antologista afirma “... historiador não sou...” Se ele, entretanto, não é historiador, assume-se como um leitor de sua cidade — Ave, Haroldo!, pois que necessitamos de leitores críticos —.

À distância, do Rio de Janeiro, ele se propõe a revelar, através da escrita alheia, aquilo que configura para si a substância de sua cidade: quadros, figuras, cenários, vozes, amores e desamores, que têm como pano de fundo Santa Maria de Belém do Grão Pará, o legendário portal da Amazônia brasileira. Se há algo de que necessitamos por aqui por estas bandas são leitores críticos. Explico-me. A malha urbana de Belém, adoentada devido a dezenas e dezenas de desmandos administrativos, necessita da palavra curativa: o verbo que, à moda de Sherazade, possa restituir aos sultões de plantão — governantes e população — a saúde e o bem estar, típicos do verbo mandingueiro. Esta antologia de Haroldo Maranhão, de diversos modos, consegue isso. Assim, penso, este *Pará, Capital: Belém...* deveria ser distribuído gratuitamente nas escolas — livros a mancha! —, ser lido nos mercados e feiras, fincado em páginas gigantes para “alfabetizar” de sensibilidade a população belemense. Vou mais adiante e arrisco-me a afirmar: talvez nenhuma obra editada pelos órgãos públicos, nos últimos dez anos, tenha cumprido, nesta área, um papel tão significativamente essencial. Assim, vale confessar que a partir de 12 de janeiro de 2000, o projeto *Belém da Memória*⁵, que guarda semelhanças com a proposta do antologista, conta com uma fonte constante de consulta e aprendizado. O esforço que Josse Fares e eu temos feito para recolher textos sobre a cidade de Belém encontrou no livro de Haroldo Maranhão um fiel aliado.

Dentre os ganhos da modernidade (e da pós modernidade), observa-se a transposição das fronteiras, a superação dos limites ortodoxos. O artístico e o não artístico, por exemplo, dependendo das circunstâncias, aproximam-se; o estético-literário e o urbanístico se fundem. Desse modo, alguns autores vão inscrever-se no destino da cidade ao escreverem sobre ela: possibilidades abertas dialeticamente com as quebras de fronteiras, na coerente busca do limiar. Assim, as cidades passam metonimicamente a ser representadas pela escrita de alguns nomes que passam a reverenciá-las. Ler Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto, de certo modo, é conhecer Recife. Jorge Luis Borges é o “fotógrafo” de Buenos Aires; Mário de Andrade, por sua vez, é um dos ícones de São Paulo; Charles Baudelaire faz-se o espelho poético de Paris; Fernando Pessoa é o “flâneur” de Lisboa (e Belém ainda está à espera de seu poeta-ícone?) Estes escritos da cidade despertaram, a partir do século XX, a atenção dos estudiosos em todas partes do mundo.

No Brasil, mais recentemente, Willi Bolle, em seu *Fisiognomia da Metrópole Moderna* (Edusp:1994), estuda o projeto estético que inscreveu Walter Benjamin entre os que esboçaram o perfil das grandes cidades européias da modernidade: Berlim, Moscou e, sobretudo, Paris. Diz-nos Bolle, acerca do trabalho de Benjamin:

“ O objetivo comum de todas essas obras era representar a grande cidade contemporânea como espaço de experiência, sensorial e intelectual, da Modernidade. Ator da Modernidade, Benjamin mostra a cidade como palco de conflitos sociais, de revolta e revolução, como espaço lúdico do *flâneur* contracenando com uma multidão erotizada, como labirinto do inconsciente individual e social, que ele se propõe a decifrar. Quando lemos estas obras não como seqüência e, sim, como uma constelação de retratos urbanos, como um texto único, ocorre uma superposição surrealista das cidades concretas de Berlim, Paris, Moscou e outras, resultando disso uma nova realidade: a Metrópole Moderna enquanto imagem mental. “

(Bolle: 1994:271-2)

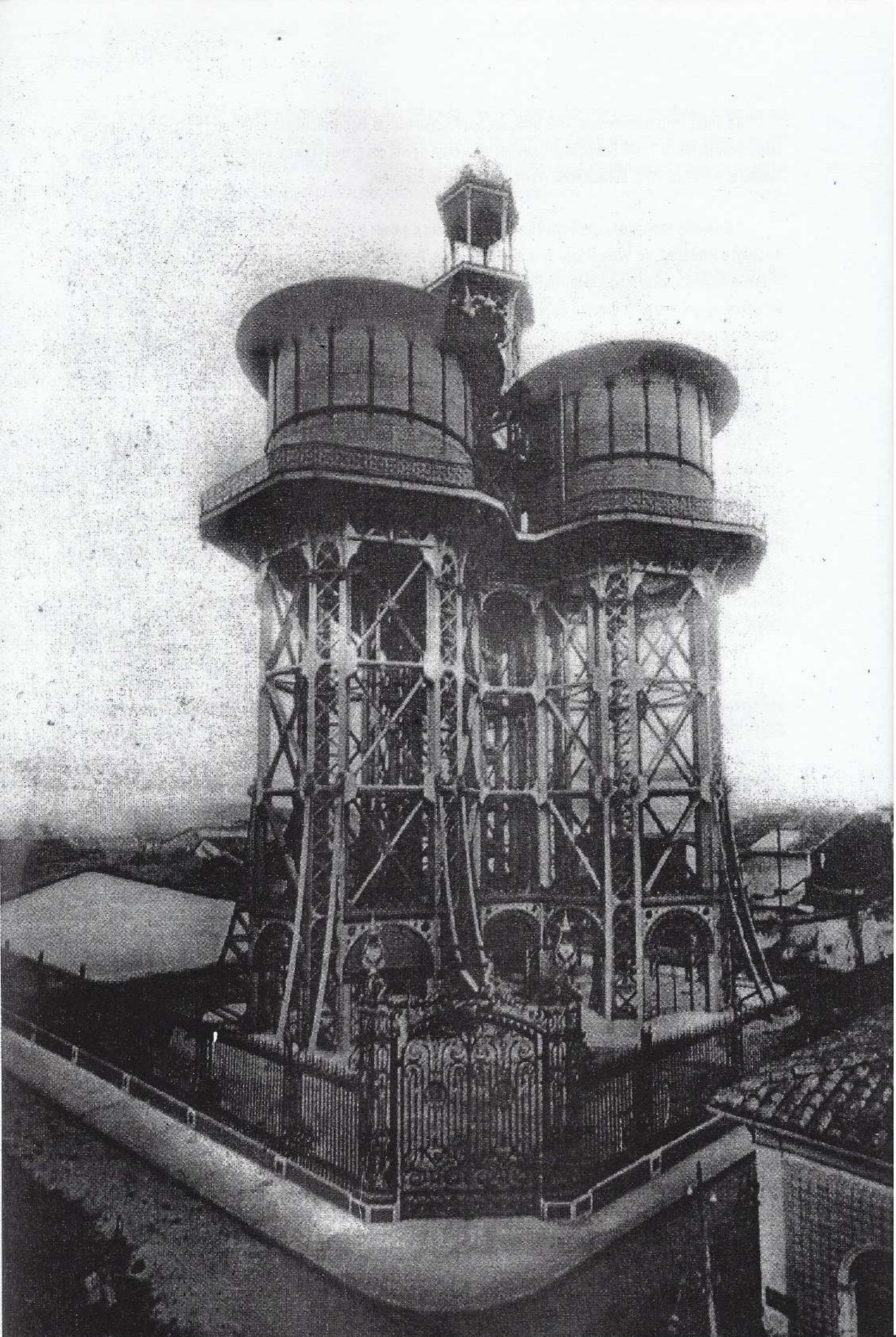
Oportuna associação podemos fazer da afirmativa acima, de Willi Bolle, com este livro de Haroldo Maranhão. Numa aguçada perspectiva, o escritor-pesquisador reescreve a cidade criando um *bricolage* literário. São mais de três séculos de escrita comprimidas em 377 páginas. Assim como Walter Benjamin, em relação a Paris, Berlim e Moscou, HM mostra Belém como palco de conflitos sociais, de movimentações culturais por vezes surpreendentes, sobretudo, para os que ignoram a trajetória histórica da metrópole da Amazônia oriental. É preciso, aqui também, observar cenas e retratos de tipos humanos como uma constelação de palavras, de pontos de vista diversos. Não se trata, evidentemente, de um único texto, mas de diversos, que são realçados polifonicamente aos olhos do leitor; a polifonia aqui curiosamente se faz pelos olhos de diversos autores. É isto: *Pará, capital: Belém...* é uma polifonia urbana, resultante de um arranjo de mais de 20 anos de pesquisas e anotações do *maestro* paraense. A partir desta polifonia, os leitores criamos uma imagem mental e sensorial (mais sensorial que racional) da “cidade do Pará”. É preciso, na contramão da ignorância que por aqui grassa a quatro cantos, que população e governos não percam isso de vista: o presente e o futuro desta contraditória urbe passa necessariamente pelo conhecimento do passado. E a superposição de imagens verbais deste livro se não fornece uma radiografia exata do problema, auxilia-nos a diagnosticar nossos “dramas existenciais”.

Sem dúvida, o hibridismo é marca de Belém do Pará. É o que confirma a leitura deste Haroldo Maranhão. Filha de uma fusão do europeu com o índio. Fusão acrescida mais tarde de negros, e, mais tarde ainda, de japoneses, árabes, judeus, italianos, Belém se vê hoje no entrecruzamentos das contradições próprias da política neoliberal, do desemprego, da economia informal. Desse modo, não é difícil perceber-se não uma mas diversas Belens: a portuguesa, a francesa, a cabocla, a brega cidade. Desta confluência conflitiva, perceberemos desmandos e desamores: o lixo que é jogado nas ruas, a pichação dos prédios, as placas de comércio que invadem o meio-fio, a ocupação desordenada da orla e das vias públicas, desmandos que o poder público não tem sido forte o suficiente para impedir. Esperava-se assim que a reação viesse da própria população, num arrebatamento amoroso pela sua grande casa. Isto entretanto não ocorre. Como esperar-se gestos de amor ante a tanta ignorância e falta de sociabilidade?

Jacques Le Goff, em *Por amor às cidades* (Unesp:1998), destila historicamente as motivações que construíram as cidades contemporâneas, observando as bases em que as urbes (e seus imaginários) foram se erguendo. Ele afirma, em certa passagem de seu livro:

“Em que sentido a cidade é sinônimo de sociabilidade, embora tenha se tornado hoje sinônimo de individualismo e de anonimato? A Idade Média opõe a cidade, lugar de civilização, ao campo, lugar de rusticidade (...) E, num mesmo movimento, afirma sua altivez num desejo de construir em direção ao céu (...) A Idade Média criou a beleza artística urbana, dando origem a um novo urbanismo. Mas a cidade também tem suas tenebrosas profundezas. À sua verticalidade opõem-se as cavernas do lucro, do vício, do demônio (...) Frequentemente representada em transformação, a cidade da Idade Média não tem a mesma preocupação para com a conservação, ela demonstra um belo otimismo. O orgulho urbano é feito da imbricação entre a cidade real e a cidade imaginada, sonhada por seus habitantes e por aqueles que a trazem à luz, detentores de poder e artistas.”

(Le Goff: 1998: 119)



Orgulho urbano oriundo da aproximação da cidade real e da imaginada, é o sentimento de que necessitamos, urgentemente, aqui no grau 5 de latitude sul do Equador. E se muito se tem dito sobre as ações de desamor para com a cidade, algo tem sido feito - ações formais e informais - para soerguê-la dos maus tratos. E deste ritual de fusão de amor com desamor (projeto talvez utópico) sonha-se com uma Belém confortável e ao mesmo tempo humana. Se isto está ainda longe de ocorrer no plano real, já concretizou-se no literário, através da visão de diversos artistas da palavra. O elenco reunido por Haroldo Maranhão neste *Pará: Capital, Belém...* (de erigar os pêlos) confirma: Gonçalves Dias, Antônio Vieira, Oswald e Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Rachel de Queirós, Márcio Souza, Ferreira de Castro, Euclides da Cunha, Caio Prado Júnior, Dorival Caymmi, Câmara Cascudo, Spix e Martius, Bates (os não nativos), Dalcídio Jurandir, Eneida, Vicente Salles, Eidorfe Moreira, Mário Faustino (!), Max Martins, Ruy Barata, Inglês de Sousa, Bruno de Menezes, entre outros. Não quero que este meu texto pareça uma manifestação laudatória. O tempo dirá da importância desta antologia.

Para findar, fiquemos com um dos excertos que compõe a antologia:

Só quem amou à tarde, quando as horas caem como bichos
Surpreendidos numa armadilha,
E foi imensamente nu e rumoroso às portas escancaradas da tarde,
Entende meu amor por ti, Belém do Pará,
Quando me envolves no boral do teu mormaço,
Cravas em minhas costas de viajante o teu punhal de canícula
E há meio-dia em tudo, até no céu(...)

Lêdo Ivo (in Maranhão: 2000: 102)

Embora saibamos da importância e do intransponível alcance da escrita de Haroldo Maranhão, pode-se afirmar que nenhuma homenagem a sua terra natal pode ser superada por esta, prestada quando da organização deste *Pará, Capital: Belém, memórias & pessoas & coisas & leis da cidade*.

Bibliografia

- Bolte, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. Edusp: São Paulo: 1994.
Le Goff, Jacques. *Por amor às cidades*. Trad. Reginoldo Carmelo C. de Moraes. Edusp: São Paulo: 1997.
Maranhão, Haroldo. *Pará, capital: Belém: memória & pessoas & coisas & leis da cidade*. PMB/FUMBEL: Belém: 2000.
Fares, Josse & Nunes, Paulo. *Belém da Memória: a cidade e o olhar da literatura* (álbum e folheto) EdUnama, Belém: 2000.

1 Vale recorrer à nota introdutória do próprio Haroldo Maranhão, que inventou este título.

2 Referência a *Texto e Pretexto*, autoria de Josebel Akel Fares, Josse Fares, Rey Vinas, Paulo Nunes. Edições Cejup, 1991.

3 Em nota explicativa, o editor afirma: "o conto *Terpsicore*, originalmente publicado no suplemento literário do jornal *Gazeta de Notícias* em 25 de março de 1886 (conforme facsímile pp20 e 21), foi depois reproduzido uma única vez, em 12 de junho de 1991, nas páginas do diário carioca *O Globo*".

4 Postal do acervo de Márcio Meira, antropólogo, atual presidente da Fundação Cultural do Município de Belém - FUMBEL.

5 *Belém da Memória* é um projeto que espalha, pelo centro histórico de Belém e seus arredores, placas-texto de 50 x 70 cm que têm a cidade como destaque. Pesquisa literária de Paulo Nunes e Josse Fares. Projeto Gráfico do Arquiteto e Designer José Fernandes.



Vénus e Adônís. *Peter Paul Rubens*. METROPOLITAN MUSEUM, NOVA YORK